

## Microempresas no Município de Crato-CE: Constituição e Extinção

### Micro-enterprises in the City of Crato/CE: Establishment and Extinction

Leila Cristina da Costa Lima<sup>a\*</sup>; Maria Jeanne Gonzaga de Paiva<sup>a</sup>

<sup>a</sup>Universidade Regional do Cariri, CE, Brasil

\*E-mail: genur@yahoo.com.br

#### Resumo

Apesar da contribuição das micro e pequenas empresas para o desenvolvimento socioeconômico, na geração de empregos, ainda é elevada a mortalidade dessas. Nesse contexto, tem-se como objetivo conhecer a dinâmica de constituição e extinção das microempresas (ME) por setor (comércio, indústria e serviço) no Município de Crato-CE. O presente estudo utilizou como metodologia pesquisas de natureza bibliográfica e descritiva, com dados secundários obtidos na Jucec. Inicialmente discorreu-se sobre as ME e a questão do desenvolvimento, na seção seguinte, as causas genéricas do fechamento e, por fim, um estudo sobre os índices de constituição e extinção das ME de 2000 a 2004 em Crato-CE. Como resultados, constataram-se elevada taxa de extinção principalmente no setor de serviços. Em contrapartida, também crescente taxa de constituição neste setor, levando a concluir que o destaque nos índices desse setor pode decorrer do reduzido volume de capital necessário à atividade, o que facilita tanto a saída como a entrada no mercado.

**Palavras-chave:** Microempresas. Constituição. Extinção. Crato-CE.

#### Abstract

*Despite the contribution of micro and small enterprises for socio-economic development and in generating employment its mortality is still high. In this context, the aim of this study was to know the dynamics of formation and dissolution of enterprises (ME) in the trade, industry and service sectors in the municipality of Crato, CE. The methodology applied was literature and descriptive research, with information obtained in Jucec. Initially the study discussed the development of the micro-enterprises; the next section discussed the generic causes of these enterprises and finally a study on the formation and dissolution of micro-enterprises from 2000 to 2004 in Crato, CE. The results showed a high rate of extinction mainly in the service sector. On the other side, there was an increased rate in this sector, leading to the conclusion that these indexes may be due to the reduced volume of capital needed for activity, which facilitates both the output and market entry.*

**Keywords:** *Micro enterprise, opening, closing down, Crato-CE.*

#### 1 Introdução

As microempresas exercem papel importante no desenvolvimento econômico e social do Brasil, já que são responsáveis pelo maior percentual de estabelecimentos existentes no país. Apesar de sua importância no contexto econômico brasileiro, os pequenos negócios não têm recebido tratamento compatível com a importância econômica e nem com a sua capacidade de gerar contrapartidas sociais, visto que os programas governamentais brasileiros e a política adotada ainda são insuficientes para atender a essa categoria de empreendimento.

Embora as micro e pequenas empresas existam em maior escala em todas as regiões brasileiras e represente grande contribuição para a economia, o índice de mortalidade no país mostrou-se elevado no período de 2000 a 2002, chegando a atingir o patamar de 59,9% no ano 2000, de acordo com a pesquisa realizada pelo Sebrae (2005a). Segundo Resnik (1990, p.2), “aproximadamente 80% de todos os novos empreendimentos no Brasil fecham suas portas nos primeiros dois anos e muitos não chegam nem a completar um ano de atividade”.

Dado o fechamento de tantas empresas no Brasil, indaga-se: quais as principais causas dessa mortalidade? Segundo pesquisa realizada pelo Sebrae, na opinião dos empresários que encerram as atividades, as causas do fracasso estão associadas, em primeiro lugar, às falhas gerenciais, em segundo lugar predominam as causas econômicas conjunturais, seguido de fatores associados à logística operacional e por último, políticas públicas e arcabouço legal (SEBRAE, 2005b).

Desta forma, a presente pesquisa surgiu da necessidade de conhecer essa dinâmica de constituição e extinção das microempresas por setor (comércio, indústria e serviços) no período de 2000 a 2004 em Crato-CE. Especificamente, pretendeu-se ainda definir as microempresas como propulsoras do desenvolvimento econômico, além de discutir as causas genéricas de seu fechamento.

Como área de estudo, o município de Crato, localizado no extremo Sul do Estado do Ceará, na microrregião do Cariri, ao sopé da Serra do Araripe, à distância de 570 km da capital Fortaleza, pela BR 116. O município possui área de 1.009km<sup>2</sup>, com população de 111.894 habitantes em 2004. Seu Produto Interno Bruto-PIB no ano de 2004 corresponde a R\$ 343.642,00 e o PIB *per capita* a R\$ 3.071,00 (IBGE, 2007).

## 2 Material e Métodos

Quanto aos procedimentos metodológicos, foram utilizadas pesquisas bibliográfica e descritiva para realização desse trabalho e dados de natureza secundária, obtidos em órgãos como Sebrae e Junta Comercial do Ceará em Fortaleza.

A qualificação do porte das empresas analisadas foi definida pelo critério de faturamento da Junta Comercial, que define a microempresa como a pessoa jurídica e a firma mercantil individual que tiver receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 244.000,00 (duzentos e quarenta e quatro mil reais) (JUCEC, 2005).

Foi feita uma análise quantitativa por setor (comércio, indústria e serviços) através da variação do número de microempresas que foram constituídas e extintas no período de 2000 a 2004, sendo os resultados tabulados e dispostos em gráficos e/ou tabelas.

Os índices de constituição e extinção das microempresas foram calculados de forma percentual, através das seguintes fórmulas:

Conforme equações 1 e 2:

$$IC = \frac{ECA*100}{ETAnt} \quad (1) \quad IE = \frac{EFA*100}{ETAnt} \quad (2)$$

IC = Índice de constituição; IE = Índice de extinção; ECA = n°. de estabelecimentos constituídos em um ano; EFA = n°. de estabelecimentos que deixaram de existir no ano; ETAnt = total de estabelecimentos existente no ano anterior.

## 3 Resultados e Discussão

### 3.1 Microempresas: importância para o desenvolvimento

As microempresas se destacam não só pela função social de aumentar a renda e reduzir a pobreza, como também pela facilidade de se moldar rapidamente a novas situações econômicas, absorver mais facilmente inovações tecnológicas, possuir qualidade e redução de custos em função da fragmentação das atividades, estimular expoentes empreendedorísticos, criar emprego, gerar divisas, regular o mercado e promover desenvolvimento regionalizado.

Segundo Simmons (2004) o Governo dos EUA acredita que um componente fundamental de estratégia para redução da pobreza reside no apoio a empresas muito pequenas, os chamados micro empreendimentos. Pois, em muitos países, operações comerciais pequenas e organizadas informalmente, controladas e operadas em grande parte pela população mais pobre, constituem a maioria das empresas. Os micro empreendimentos representam uma parcela substancial do total de empregos e do produto interno bruto (PIB) e contribuem de modo significativo para a redução da pobreza.

Em Portugal, tem-se assistido aumento significativo da importância das empresas de menor dimensão, devido a diversos fatores tais como: as multinacionais deixaram o País em busca de custos mais baixos de mão-de-obra, os empresários medem cada vez mais o risco do investimento e por fim a legislação laboral que aconselha prudência na hora

de definir o potencial humano a contratar num processo de criação de uma sociedade. Um estudo do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas (IAPMEI) mostra que cerca de 95% do tecido empresarial português é formado por micro e pequenas empresas e responsável por 55,4% dos postos de trabalho em 2003 (IAPMEI, 2007).

O número de microempresas, por tudo que ela representa na participação da desconcentração de renda presente na economia e na melhoria das condições de vida dos trabalhadores, até serve de parâmetro para a medição do desenvolvimento social e econômico do país. Mas, apesar da crescente relevância das microempresas na economia brasileira e da importância do seu papel social na diminuição das desigualdades ente indivíduos e regiões, elas ainda enfrentam diversas dificuldades para operar no país.

Levando em consideração que no caso do Brasil, somente em 1980, intensificou-se a discussão sobre a importância dos pequenos empreendimentos para o desenvolvimento do país, mesmo que essas medidas viessem a ser adotadas hoje, viriam com atraso em relação aos países mais avançados (PANDOLFO; VELOSO, 2000).

Há de salientar que a peculiaridade dos pequenos negócios promove a criação de oportunidades às pessoas com maior dificuldade de ingressar no mercado de trabalho, como os jovens em busca do primeiro emprego e as pessoas com mais de 40 anos. Além do mais, as pequenas empresas têm a capacidade de fixar as pessoas no local de origem, distribuir equitativamente renda e riqueza e estimular iniciativas individuais e coletivas.

No entanto, apesar da existência do aparato legal e administrativo-gerencial destinado a dar tratamento especial às micro e pequenas empresas, além dos esforços do governo em promover uma política de apoio e fomento a essas unidades produtivas, ainda restam grandes desafios a serem vencidos para que esse segmento empresarial se fortaleça e assuma papel mais relevante na economia nacional.

### 3.2 Causas genéricas de fechamentos das microempresas

De acordo com pesquisa realizada pelo Sebrae (2005a), no primeiro trimestre de 2004, as taxas de mortalidade verificadas para o Brasil foram: 49,4% para as empresas com até 2 anos de existência (2002); 55,64% para as empresas com até 3 anos de existência (2001) e 59,9% para as empresas com até 4 anos de existência (2000).

No entanto, segundo Santana (2001), o professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Carlos Nei França, constatou em seu estudo que muitas empresas de pequeno porte conseguem sobreviver até por mais de 10 anos. Esta pesquisa teve como objeto de estudo as empresas no ramo de restaurantes e pousadas no litoral norte da Bahia. Com base neste estudo, concluiu-se que essa longevidade dava-se à criatividade, persistência e à capacidade de assumir riscos. No entanto, admitiu-se que o índice de mortalidade é grande quando o empresário perde de vista o foco de seus

empreendimentos, aliado à falta de capital de giro e escassos conhecimentos gerenciais para o negócio.

Segundo o Sebrae (2005b), as causas da alta mortalidade das empresas no Brasil estão fortemente relacionadas à falhas gerenciais na condução dos negócios, seguidas de causas econômicas conjunturais e tributação. As falhas gerenciais, por sua vez, podem ser relacionadas à falta de planejamento na abertura do negócio, levando o empresário a não avaliar de forma correta, antecipadamente, dados importantes para o sucesso do empreendimento, como a existência de concorrência nas proximidades do ponto escolhido ou a presença potencial de consumidores, dentre outros fatores.

De acordo ainda com o Sebrae (2005b), a região que apresentou tanto o maior número de natalidade como o maior número de mortalidade no ano de 2000, foi à Região Sudeste, correspondendo a 209.646 empresas nascidas e 128.094 extintas, permanecendo nessa mesma posição nos anos de 2001 e 2002.

Segundo Amaro e Paiva (2002), este fato advém da concorrência existente nessa região, visto que lá se concentra o maior número de empresas no Brasil e, devido a essa concentração, há maior índice de mortalidade de empresas. Observa-se também que de 2000 para 2001, houve elevação da natalidade das empresas em todas as regiões do Brasil, que se explica pelos incentivos do Governo Federal.

Já no período de 2001 a 2002, houve queda da natalidade e da mortalidade das empresas em todas as regiões do Brasil, reduzindo o número de empresas surgidas de 490.911 para 445.151 e o número de empresas extintas de 276.874 para 219.905 (SEBRAE, 2005b).

Um dos problemas provenientes da mortalidade das empresas diz respeito ao encerramento da empresa extinta. Estima-se que 68% das firmas extintas brasileiras não dão baixas na Junta Comercial. A Região Nordeste, assim como a Região Norte, apresentou o maior percentual de empresas que não deram baixas no país em 2004, correspondendo ambos a 76% do total de firmas que encerraram suas atividades. Vindo em seguida a Região Sul, com 64%, o Sudeste com 61% e por último a região Centro-Oeste com 59% (SEBRAE, 2005b).

Dentre os principais motivos dos empresários brasileiros não darem baixa na empresa extinta está, em primeiro lugar, a esperança de reativar a empresa, correspondendo a 37% das respostas; em segundo devido aos custos elevados (25%); seguidos de burocracia (19%), outros (11%); desconhecimento (4%); e por último falta de tempo (3%). Na Região Norte, a principal razão deu-se devido ao custo elevado (58%). Já na Região Nordeste e Sudeste a principal causa apontada foi a esperança de reativar a empresa, correspondendo a 41% e 44% respectivamente, enquanto que na Região Sul a principal causa apontada foi à falta de tempo com 39% (SEBRAE, 2005b).

No Brasil, o setor que apresentou o maior percentual de empresas extintas foi o comércio, correspondendo a 51%

do total de estabelecimentos; em segundo lugar o setor de serviço com 47%; e a indústria com apenas 2%. Nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste o segmento que apresentou o maior percentual de extinção foi o comércio, representando respectivamente 53%, 59% e 51%. Já nas Regiões Sul e Sudeste, obtiveram o maior percentual no setor de serviço, na seguinte ordem 54% e 57% (SEBRAE, 2005b).

### **3.2.1 Causas inerentes aos empreendedores e às empresas que podem levar ao insucesso do negócio empresarial**

Segundo Adizes (1998) existem dois grandes erros que podem levar uma empresa a falência, a saber: tomar empréstimos em curto prazo para investimentos que só produzem resultados em longo prazo; vender com desconto que não chegam a cobrir os custos variáveis para gerar dinheiro em caixa.

Tais atitudes podem aliviar os problemas momentâneos, mas em longo prazo traduzirá em prejuízo e conseqüente morte da empresa. Desta forma, muitos empresários na ansiedade de reverter em lucro os seus investimentos em curto prazo, desanimam-se porque, na maioria das vezes, este retorno resulta em prejuízos causados por erros administrativos.

Na visão de Amorim (2000), existem vários fatores que contribuem para o fechamento de uma empresa, mas um só provoca decisivamente a falência de uma organização, a soma de pequenos erros. Um desses pequenos erros é o despreparo do empresário, que se julga apto a abrir uma empresa só pelo fato de ter capital para investir e ideias para executar.

Segundo Chér (1990), os problemas e dificuldades peculiares à pequena empresa responsáveis pela sua mortalidade são vários, destacando-se entre eles os seguintes: inexperiência no ramo de negócio; desconhecimento dos instrumentos de administração; falta de recursos financeiros; dificuldades para obtenção de créditos e financiamentos; falta de resistência aos momentos de instabilidade econômica; concorrência; desentendimento entre sócios; e falta de disciplina, responsabilidade e organização.

De acordo com o Sebrae (2005b), dos empresários entrevistados que encerraram suas atividades no período de 2000 a 2004, 26% não possuíam nenhum conhecimento do ramo ou qualquer experiência em negócios e 19% apontaram, como referência para sua experiência, alguém na família com negócio similar. Dessa forma, conclui-se que 45% dos empresários de empresas extintas não dispunham de experiência anterior direta no ramo.

Uma das graves falhas dos empresários está também ligada à falta de planejamento na abertura do negócio, pois enquanto estes não projetam seus planos, os seus concorrentes estarão elaborando meios para superar esta carência, e a melhor forma de fazer isso é conhecendo o seu próprio negócio.

A falta de boa localização é um fato que pode gerar uma série de problemas para o empreendedor, visto que, longe do mercado-alvo, este compromete seu confronto direto com

seus concorrentes, perdendo competitividade em virtude dos seus clientes darem preferência ao seu concorrente que está mais próximo, ainda que possua um preço mais elevado.

Alguns empresários erram por ter a concepção retrógrada de que investir no treinamento dos funcionários não resolve os problemas da empresa. No entanto, essa atitude compromete o desenvolvimento e a longevidade da firma, pois a qualificação do funcionário é uma forma de garantir a manutenção do seu empreendimento. Deixar que os funcionários aprendam com a prática enquanto trabalham, sem a orientação de um especialista capacitado, é colocar o negócio em risco, sujeitando-se a erros e consequências fatais, pois não há como vencer num mercado competitivo sem a força de vendedores bem treinados, já que saber vender é fundamental para o sucesso de qualquer negócio.

Na visão de Amorim (2000), a vaidade ou ambição dos sócios poderá levar uma empresa à falência em virtude de ostentarem mais do que possuem, desviando dinheiro da empresa para compras pessoais, confundindo o caixa da empresa com seu próprio bolso e, dessa forma, utilizando o capital de giro necessário à sobrevivência da firma. O autor complementa afirmando que “A empresa é um bem para servir e não para seus sócios se servirem dela. Tirar dinheiro da empresa para investimentos ou conquistas pessoais é condená-la à falência” (AMORIM, 2000, p.65).

Algumas empresas podem quebrar também por falta de investimentos, que se dá devido à falta de recursos, ausência de linha de crédito especial ou indisposição do empresário para aplicar parte do ganho na empresa, impedindo o avanço de qualquer empreendimento.

Segundo Amaro e Paiva (2002), a falta de crédito constitui-se em verdadeiro empecilho, uma vez que se estima que 13 milhões de brasileiros não tenham acesso ao crédito, pessoas produtivas que empreendem mais de 9,5 milhões de pequenos negócios. A prova disso é que 74% dos empresários brasileiros entrevistados pelo Sebrae, que encerraram suas atividades em 2004, tiveram recursos investidos de origem própria, representando a perda nominal da poupança pessoal/familiar dos empreendedores.

Dentro do mercado de crédito, é ainda mais difícil para micro e pequenas empresas o acesso a linhas de financiamento para capital de giro em condições e custos compatíveis com a natureza de suas atividades. Em virtude disso, 79% dos empresários brasileiros têm o capital de giro originado de recursos próprios (SEBRAE, 2005b).

As micro e pequenas empresas continuam praticamente excluídas do mercado creditício, para Lessa (2001), devido às empresas de maior porte oferecerem maiores garantias do que as de pequeno porte, ou seja, empresas sólidas e ricas têm crédito; as pequenas, que precisam, muito embora demandem valores bem pequenos, não conseguem. Isto implica no encarecimento e menor disponibilidade dos recursos oferecidos às microempresas, pois quanto maior

a insegurança do tomador de empréstimo, maiores são os juros, que são pesados no mercado, além das linhas de crédito especiais dos bancos estatais, que acabam impossibilitando o crédito para esse segmento.

Com a retração do crédito especial, o micro e pequeno empresário ficam na mão dos bancos privados, que embutem um prêmio de risco ao emprestar dinheiro a empresas pequenas e desconhecidas com tarifas mais elevadas.

Além disso, existe outro problema, a tarifa no Brasil é livre, ou seja, os bancos podem cobrar o que querem. Não é a toa que hoje, o Brasil tem a terceira maior taxa de juros do mundo, depois da Rússia e da Iugoslávia (LESSA, 2001).

O fruto de tais dificuldades é a elevada taxa de mortalidade, que chega a 61% do total de micro e pequenas empresas no primeiro ano de atividade, de acordo com estudos do Sebrae e Métodos Consultoria intitulada “A Micro e Pequena Empresa no Comércio Exterior” (AMARO; PAIVA, 2002).

Para o presidente do Sebrae, um dos fatores que contribuem para a mortalidade precoce dos pequenos negócios é justamente o acesso desigual às oportunidades de educação, limitando a capacidade de aprender informações, de inovar e de competir, pois o domínio científico e tecnológico é, cada vez mais, um elemento-chave para a competitividade das empresas no mercado (NOVAIS, 2001).

Segundo Pandolfo e Veloso (2000), o nível de escolaridade está diretamente ligado ao sucesso empresarial, visto que algumas alternativas encontradas por estudiosos do assunto para a sobrevivência dessas empresas são embasadas em técnicas administrativas modernas, tendendo dessa forma, a afetar o desempenho dos programas de apoio técnico gerencial.

No entanto, de acordo com o Sebrae (2005b), o grau de escolaridade não constitui base para a explicação da mortalidade, visto que 29% dos empresários de empresas extintas possuíam o curso superior completo, mesmo percentual apresentado pelos donos de empresas ativas; 46% cursaram colegial completo até superior incompleto, também igual ao percentual de empresários de empresas em atividade. Os demais graus inferiores de escolaridade também não diferem de forma substantiva entre os dois grupos.

Apesar de o Brasil ter uma população empreendedora, ela fracassa por falta de preparo e apoio adequado, uma vez que fatores como a falta de estrutura adequada em termos de aparato legal, contábil e gerencial; legislação tributária ainda desfavorável; exigências burocráticas; carência de crédito e de uma política de apoio e incentivo às microempresas levam as altas taxas de insucesso.

De acordo com o Sebrae (2005b), estima-se que nos anos de 2000 a 2003, cerca de 772.679 empresas fecharam no Brasil, representando perdas de 2,4 milhões de ocupações, contribuindo para a taxa de desemprego e para o crescimento da atividade informal.

O encerramento dessas atividades empresariais traduz em

desperdícios potenciais em torno de 19,8 bilhões de inversão na atividade econômica. Contudo, os valores acima não representam perda total, pois uma parte dos recursos investidos foi recuperada. Além disso, há um forte dinamismo na criação de novas empresas todo ano, gerando novos empregos.

### 3.3 Índices de constituição e extinção das microempresas no município de Crato no período de 2000 a 2004

Ainda segundo o Sebrae (2005c), a maioria das cidades brasileiras tem suas economias baseadas, prioritariamente, nos pequenos negócios. Com o Município de Crato não poderia ser diferente.

No período de 2000 a 2004, o número de microempresas constituídas neste município evoluiu, revelando a importância desse segmento para a economia local. Ao todo nasceram 401 firmas: 40 no setor industrial, 62 no setor de serviços que se destaca como o setor de atividade com o maior número de empresas surgidas e 299 novas empresas no setor comercial.. Esse fato deve-se pela maior facilidade para a sua constituição, além da exigência de menor especialização do empreendedor quando comprada às exigências do setor de serviços e do setor industrial (Tabela 1).

**Tabela 1:** Número de empresas constituídas por setor de atividade - Crato - 2000-2004

Ano	Setor de atividades			Total
	Indústria	Comércio	Serviço	
2000	5	37	7	49
2001	5	48	10	63
2002	13	42	12	67
2003	8	66	13	87
2004	9	106	20	135
Total	40	299	62	401

**Fonte:** Dados da Junta Comercial do Ceará em Fortaleza (2006).

Tendo em vista a crescente substituição da relação de emprego formal pela contratação de serviço informal e a tendência à redução do núcleo “duro” da firma (trabalhadores em tempo integral e com contratos por prazo indeterminado), no período de 2001 a 2004 o setor de serviço apresentou, como se esperava, o maior índice de constituição, representando, um valor percentual de 35,62% contra 15,95% (comércio); e 15,68% (indústria). Essa constituição no setor de serviço deve-se à crescente demanda de prestação de serviço por parte das empresas, maior praticidade e viabilidade e menor burocratização, não existência de vínculo empregatício, em que o empregador fica sujeito ao cumprimento do pagamento de direitos e benefícios ao funcionário. No caso da indústria, justifica-se a menor constituição pelo fato desse setor de atividade exigir maior inversão em maquinarias e equipamentos e maior qualificação do empreendedor e da mão-de-obra utilizada (Tabela 2).

**Tabela 2:** Índice de constituição das microempresas, no município de Crato-CE por setor de atividade no período de 2001 a 2004.

Setor de Atividades	Ano			
	2001	2002	2003	2004
Indústria	2,35%	5,96%	3,49%	3,88%
Comércio	3,05%	2,60%	4,02%	6,28%
Serviço	7,25%	8,16%	8,23%	11,98%

**Fonte:** Dados da Junta Comercial do Ceará em Fortaleza, 2006.

A importância das microempresas para este Município se dá pelo fato desses segmentos constituírem uma saída para a geração de ocupação e renda, já que é intensiva em mão-de-obra, além de aumentar a arrecadação local, contribuindo para o bem estar da comunidade local, gerando não só crescimento, mas também desenvolvimento no município.

Julgando-se que, hoje, o grande problema da população brasileira é o desemprego, as microempresas surgem como uma “válvula de escape”, pois o governo tem capacidade limitada para gerar postos de trabalho, principalmente nas pequenas cidades. Assim, para se ter novos empregos, é preciso mais empresários e, portanto, novos negócios.

Segundo o Sebrae (2005c), a microempresa é a forma mais eficiente de se iniciar o processo de fixação da riqueza local, por isso os investimentos em pequenos negócios são fundamentais para os municípios que querem se desenvolver de forma mais igualitária, com inclusão social e distribuição de renda, já que são eles os que irão fazer a economia girar mais e melhor.

No entanto, apesar da importância desse segmento para a economia local, no período de 2000 a 2004, verificou-se elevação da sua mortalidade, totalizando 97 empresas extintas: 16 no setor industrial, 12 no setor de serviço e 69 no setor comercial. Tendo em vista que o comércio possui maior facilidade para a sua constituição, como já foi dito anteriormente, e a não exigência de barreiras à entrada de pessoas sem qualquer conhecimento prévio, esse segmento apresentou o maior número de empresas extintas entre os setores no município de Crato. Já o setor de serviço apresentou menor quantidade de empresas extintas (Tabela 3).

**Tabela 3:** Número de empresas extintas por setor de atividade, no município de Crato-Ce no período de 2000 a 2004.

Ano	Setor de atividades			Total
	Indústria	Comércio	Serviço	
2000	2	7	0	9
2001	0	9	1	10
2002	2	13	1	16
2003	5	20	4	29
2004	7	20	6	33
Total	16	69	12	97

**Fonte:** Dados da Junta Comercial do Ceará em Fortaleza, 2006.

Após analisar o relatório apresentado pelo Sebrae-SP em dezembro de 1999, Souza (1999) retirou informações

constando que o setor comercial apresentou a maior taxa de mortalidade entre os setores de atividade entrevistados, enquanto que o setor de serviço, por ser ocupado por empreendedores com conhecimento técnico da área escolhida e por exigir mão-de-obra mais qualificada, apresentou a menor taxa de mortalidade, ficando, dessa forma, mais resistente e com tendência a longevidade.

Dentre as causas da mortalidade apontada pelos empresários que encerraram suas atividades em São Paulo estão: falta de demanda, carência de crédito e de capital de giro, seguido de carga tributária elevada. A pesquisa mostra que a maior dificuldade apontada pelas micro e pequenas empresas no primeiro ano de existência foi a falta de capital de giro, que é decorrente da ausência ou má elaboração do fluxo de caixa (SOUZA, 1999).

Segundo Lima *et al.* (2002), o setor de atividade que apresentou o maior índice de mortalidade na Bahia, assim como em São Paulo, foi o comercial, confirmando a vulnerabilidade deste setor, sendo a falta de capital de giro atribuída como principal problema enfrentado pelos empresários,.

No entanto, surpreendentemente, o mesmo não foi observado no município de Crato, no período analisado. De acordo com os dados da Tabela 4, o maior índice de extinção foi observado no setor de serviço, representando um valor percentual de 7,52%, ficando em segundo lugar o setor industrial (6,12%) e em terceiro lugar o setor comercial (3,78%).

**Tabela 4:** Índice de extinção das microempresas no município de Crato - CE, por setor de atividade no período de 2001 a 2004.

Setor de Atividade	Ano			
	2001	2002	2003	2004
Industria	0%	0,92%	2,18%	3,02%
Comércio	0,57%	0,81%	1,22%	1,18%
Serviço	0,72%	0,68%	2,53%	3,59%

Fonte: Dados da Junta Comercial do Ceará em Fortaleza, 2006.

Julgando-se que atualmente um dos graves problemas das microempresas é a falta de conhecimento gerencial, pressupõe-se que a maior taxa de mortalidade verificada no setor de serviço deve-se à desqualificação dos funcionários e à baixa qualidade dos serviços oferecidos por essas empresas, aliado ao despreparo do empreendedor, além da facilidade de sair do mercado devido ao reduzido volume de capital necessário à atividade.

No que diz respeito à menor mortalidade observada no setor comercial, justifica-se pelo fato desse setor apresentar elevado número de surgimento, bem acima da quantidade de empresas extintas e por exigir menor qualificação do empreendedor e dos funcionários em relação ao setor de serviço e ao setor industrial.

Pandolfo e Veloso (2000), ao analisarem as microempresas na cidade de Passo Fundo-RS, constataram, assim como

no município de Crato, maior índice de mortalidade no setor de serviço. Segundo os autores, dentre os fatores que contribuíram para a mortalidade destas empresas estão: falta de capacidade empresarial, falta de experiência profissional, não aproveitamento de oportunidades, pouco conhecimento de mercado, estratégia de venda inadequada, falta de capital próprio e falta de acesso a novas tecnologias.

De acordo com relatório apresentado pelo Sebrae - SP em 2005 sobre sobrevivência e mortalidade das micro e pequenas empresas paulistas de 1 a 5 anos, cuja apuração teve como base de rastreamento o registro de empresas na Junta Comercial do Estado de São Paulo (JUCESP), o setor comercial e de serviços apresentaram maior taxa de mortalidade entre os setores de atividade entrevistados. Dentre as causas da mortalidade estão: comportamento empreendedor pouco desenvolvido, falta de planejamento prévio, gestão deficiente do negócio, insuficiência de políticas de apoio e conjuntura econômica reprimida, além dos problemas pessoais dos proprietários (BEDÊ, 2005).

Ainda conforme Bedê (2005), um grau de educação empreendedora por parte dos empresários e a simplificação no recolhimento de tributos por meio do Sistema Integrado de Pagamento de Impostos e Contribuições das Microempresas e das Empresas de Pequeno Porte (SIMPLES) são considerados os principais motivos para redução do índice de mortalidade das MPEs paulistas nos últimos anos. A taxa de mortalidade das MPEs do estado com até cinco anos de atividade caiu de 71% em 2000, para 56%, em 2004. Em 2004, essa mortalidade significou a perda de 281 mil empregos e uma perda financeira total de R\$ 14,8 bilhões.

Um dos graves problemas enfrentados pelos municípios brasileiros, principalmente aqueles situados no interior do país, está relacionado à inexistência de infraestrutura e serviços públicos inadequados para o desenvolvimento de atividades econômicas. Contudo, esses problemas poderiam ser resolvidos se a Prefeitura investisse em projetos simples e baratos, pois o sucesso das práticas de desenvolvimento local depende do apoio às atividades econômicas.

A Prefeitura e a Câmara têm instrumentos para dar impulso a favor das microempresas. Podem criar critérios para atender empresas da própria comunidade nas compras de bens e contratação de serviços. Com isso, prefeitos e vereadores estariam criando um ambiente favorável à consolidação e expansão dessas empresas, evitando que o dinheiro do município beneficiasse médias e grandes empresas de outras regiões do País (SEBRAE, 2005c).

Segundo Sebrae (2005c), antes de qualquer medida, antes de estruturar o município a favor dos pequenos negócios, é interessante:

- Envolver desde cidadãos comuns, grupos e movimentos sociais e até organizações de várias espécies;
- Deixar claro que o Governo Municipal é responsável pela constituição das políticas;
- O Governo Municipal estabelece regras, exigências,

condições, limites e proibições, exigindo e fiscalizando o seu cumprimento e estimulando o desenvolvimento dos pequenos negócios; e

- Consciência geral da necessidade de planejar antes de fazer.

Dessa forma, para aquelas cidades que quiserem implantar vários projetos, é necessário que se crie infraestrutura dentro do próprio município para o desenvolvimento da microempresa.

De acordo com o Sebrae (2005c), os passos para o município implantar um programa de apoio aos pequenos negócios são: montar uma equipe de planejamento; fazer um diagnóstico municipal; elaborar programas; e criar espaços de participação social. Pois através da criação e manutenção de programas específicos voltados para os pequenos empreendimentos, o governo estará contribuindo não só para o desenvolvimento dos municípios, mas também para o desenvolvimento econômico e social de todo País.

#### 4 Conclusão

Nesta era de globalização, estudos e pesquisas sobre microempresas revelam claramente as dificuldades enfrentadas por estes estabelecimentos para sobreviverem em meio a uma concorrência acirrada e em meio a políticas econômicas que privilegiam os grandes investimentos e corporações.

No entanto, deve-se destacar o relevante papel desempenhado pelas microempresas na geração de emprego e renda para as populações urbanas, além de constituírem uma saída para aliviar a pobreza e promover uma distribuição de renda mais equilibrada.

A literatura aponta que, para se obter sucesso em um mercado competitivo, é necessário, antes de tudo, planejar para descobrir as melhores oportunidades de negócios, além de conhecer o mercado onde atua, a fim de conduzir o empreendimento da melhor forma nos momentos de dificuldades, que surgem no dia a dia.

Dentre as contribuições destes pequenos estabelecimentos para o crescimento e desenvolvimento econômico local está o aumento da arrecadação do município. No entanto, não têm recebido tratamento compatível com a sua importância, que poderia ser feito através da criação de um ambiente favorável ao seu desenvolvimento, pois este seria o meio para reduzir a sua mortalidade.

Ao fazer um estudo de caso das microempresas no município de Crato no período de 2000 a 2004, verificou-se que há uma taxa de constituição de 15,68% na indústria, 15,95% no comércio e 35,62% no setor de serviço, destacando-se com o maior índice de constituição. Constata-se também elevado índice de extinção especialmente no setor de serviço, representado valor igual a 7,52%, vindo em seguida o setor industrial com 6,12% e o setor de comércio apresentando o menor índice de extinção, equivalente a 3,78%.

Uma das possíveis justificativas para o fato do setor de serviço apresentar tanto o maior índice de constituição como o maior índice de extinção pode decorrer do reduzido volume

de capital necessário à atividade, o que facilita tanto a entrada como a saída do mercado. Já o menor índice de constituição observado no setor industrial leva-nos a crer que se deve a maior dificuldade de ser implantada, por exigir maiores inversões e conhecimentos. No que diz respeito a menor taxa de extinção evidenciada no setor comercial, naturalmente deve-se ao fato do grande contingente de empresas que são constituídas, sobressaindo-se do número de empresas que são extintas.

Apesar da taxa de constituição das microempresas ter superado a sua taxa de extinção no período analisado, a taxa de extinção ainda continua elevada, sendo necessária maior atenção dos governantes, no sentido de aprofundarem estudos para apresentar alternativas viáveis para a sobrevivência dessas empresas.

#### Referências

- ADIZES, I. *Os ciclos de vida das organizações: como e por que as empresas crescem e morre e o que fazer a respeito*. 4.ed. São Paulo: Pioneira, 1998.
- AMARO, M.N.; PAIVA, S.M.C. *Situação das micro e pequenas empresas*. 2002. Disponível em <<http://www.senado.gov.br/conleg/artigos/economicas/SituacaodasMicro.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2006.
- AMORIM, L. *Porque as empresas quebram*. Salvador: Casa da Qualidade, 2000.
- BEDÊ, M.A. (Coord.). *Sobrevivência e mortalidade das empresas paulistas de 1 a 5 anos*. São Paulo: Sebrae, 2005.
- CHÉR, R. *A gerência das pequenas e médias empresas: o que saber para administrá-las*. São Paulo: Maltese, 1990.
- IAPMEI - Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas. O tecido empresarial português é formado maioritariamente por pequenas e micro empresas. 2007. Disponível em: [http://www.aiminho.pt/aiminhoftp/conteudos/public/boletim/74\\_Abr\\_1.pdf](http://www.aiminho.pt/aiminhoftp/conteudos/public/boletim/74_Abr_1.pdf).
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php)>. Acesso em: 26 jun. 2007.
- JUCEC- Junta Comercial do Estado do Ceará. Empresas contam com Central Fácil como aliado empresarial. JUCEC em notícias. Ceará, maio/agosto de 2005.
- LESSA, D. Micro & pequena: um alento para os sem crédito. *Rumus: Economia & Desenvolvimento para Novos Tempos*, Rio de Janeiro, v.25, n.183, p.40-43. abr. 2001.
- LIMA, C. et al. *Micro e pequenas empresas: uma proposta de ação*. 2002. Disponível em: <<http://www.Desenbahia.Ba.gov.br>>.
- NOVAIS, E. Micro & pequena: prêmio a inovação pioneira. *Rumus: Economia & Desenvolvimento para Novos Tempos*, Rio de Janeiro, v.25, n.188, p.40-43, 2001.
- PANDOLFO, M.S.M.; VELOSO, P.R. Análise da mortalidade das micro e pequenas empresas e evidências para o Município de Passo Fundo – RS. *Teor. Evid. Econ*, Passo Fundo, v.8, n.14, p.77-95, 2000.
- RESNIK, P. *A bíblia da pequena empresa: como iniciar com segurança sua pequena empresa e ser muito bem-sucedido*. São Paulo: McGraw-Hill, 1990
- SANTANA, J. *Ciência/pesquisador quer comprovar a longevidade das microempresas*. 2001. Disponível em:

<<http://www.correiodabahia.com.br/2001/08/28/noticia.asp?link=not000033219.xml>>. Acesso em: 15 dez 2006.

SEBRAE. *Boletim estatístico de micro e pequenas empresas: 1º semestre 2005*. 2005a. Disponível em: [http://www.sebraemg.com.br/arquivos/parasuaempresa/boletimestatisticompe/boletim\\_estatistico\\_mpe.pdf](http://www.sebraemg.com.br/arquivos/parasuaempresa/boletimestatisticompe/boletim_estatistico_mpe.pdf)

\_\_\_\_\_. *Fatores condicionantes e taxa de mortalidade de empresas no Brasil*. 2005b. Disponível em: <[www.sebrae.com.br](http://www.sebrae.com.br)>. Acesso em: 08 nov. 2006.

\_\_\_\_\_. *Guia do candidato empreendedor*. 2005c. Disponível em: <http://www.inforpress.com.br/guiadocandidatoempreendedor.pdf>

SIMMONS, E. Papel da assistência ao microempreendimento na política de desenvolvimento dos EUA. *Revista Eletrônica do Departamento de Estado dos EUA*, v.9, n.1, fev. 2004. Disponível em: <http://usinfo.state.gov/journals/ites/0204/ijep/simmons.htm>.

SOUZA, J. M. *Mortalidade nas micro e pequenas empresas*. 1999. Disponível em: <<http://fammelo.sites.uol.com.br/mortalidade/MORTALIDADE.htm>>.